

O SISTEMA DA TRANSITIVIDADE DE HALLIDAY: APLICAÇÃO A 'I SPY' DE GRAHAM GREENE

Maria do Socorro Pires Germano*

Resumo

A teoria da transitividade de M. A. K. Halliday, aplicada ao conto 'I Spy' - 'Espia' de Graham Greene, sugere que os processos (verbos) da narrativa podem enfatizar o papel dos participantes como personagens da ficção.

Abstract

M. A. K. Halliday's theory of transitivity, applied to Graham Greene's short story 'I Spy' - 'Espia' suggests that the processes (verbs) found in the narrative may emphasize the roles of participants as characters in fiction.

Palavras-chave

Halliday, transitividade, processo, participante, papel, personagem.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos demonstrar como a gramática sistêmica pode ser aplicada à literatura para realçar as características dos participantes da narrativa.

Analisamos o conto de Graham Greene 'I Spy' - 'Espia', segundo o sistema da transitividade de Halliday na função ideacional, mostrando que uma percepção da língua pode levar ao melhor conhecimento da literatura.

O trabalho é dividido em três partes: na primeira, expomos a teoria da transitividade de M. A. K. Halliday, enfatizando o papel dos participantes nas orações. Na segunda e terceira partes analisamos os personagens Charlie Stowe e Sr Stowe, em relação aos processos das orações em que atuam como participantes. Incluímos ainda um anexo com o conto original em Inglês e nossa tradução em Português.

1. O SISTEMA DA TRANSITIVIDADE DE HALLIDAY

Para uma melhor compreensão do sistema da transitividade, apresentamos brevemente alguns pontos abordados pelo autor:

Halliday estabelece o "princípio de que uma oração é o produto de três processos simultâneos. É ao mesmo tempo a representação de uma experiência, uma troca interativa e uma mensagem" (1985:53). Refere-se a esses aspectos da oração como 'metafunções,' às quais aplica os termos: **ideacional, interpessoal e textual.**

Em princípio um elemento ideacional é alguma coisa representando um processo, um participante num processo (pessoa, coisa, instituição, etc.) ou circunstância atendendo aquele processo (tempo, lugar, modo, etc.) (HALLIDAY, 1985:54).

Neste trabalho lidaremos de perto com a oração em sua função ideacional de "representar padrões de experiência" (Ibid.: 101). É essa função que permite aos "seres humanos construir um quadro da realidade, compreenderem sua experiência do que acontece em torno e dentro deles" (Ibid.: 101).

A oração funciona como a representação de processos ... "de fazer, acontecer, sentir e ser" (101) que ocorrem na realidade.

Além de ter uma função de modo, "expressando o aspecto ativo, interpessoal do significado", a oração tem outra função que lida com "o aspecto reflexivo, experimental do significado" (HALLIDAY, 1985:101), que é o sistema da **transitividade.**

O conceito de extensão é de fato o que está incorporado na terminologia clássica de 'transitivo' ou 'intransitivo,' da qual o termo transitividade é derivado (1985:103).

* Mestre em Letras - Prof. Adjunto - UECE

A transitividade implica na idéia de extensão a uma outra entidade ou meta (goal), como é o caso dos verbos transitivos, cujas ações ou efeitos são levados a outros participantes, enquanto que verbos intransitivos, sem meta, não apresentam extensão nenhuma.

A transitividade especifica os diferentes tipos de processos que são reconhecidos na língua e as estruturas pelas quais são expressos (101).

Um processo é formado por três componentes:

- a) o próprio processo (grupo verbal)
- b) os participantes no processo (grupo nominal)
- c) as circunstâncias associadas aos processos (grupo adverbial ou locução preposicional)

He	clenched	his fingers	tightly	on his nightshirt *
(Ele)	apertava	os dedos	firmemente	em seu camisolão
participante	processo	participante	circunstância	circunstância
grupo nominal	grupo verbal	grupo nominal	grupo adverbial	frase preposicional

Os conceitos de processo, participante e circunstância são categorias semânticas que explicam do modo mais geral como fenômenos do mundo real são representados como estrutura lingüística (102).

1. Processos Materiais são processos de ‘fazer,’ que exprimem a noção de que “alguma entidade ‘faz’ alguma coisa - que pode ser feita ‘para’ alguma outra entidade” (Ibid.:103). Processos materiais têm um **Ator** (Actor) obrigatório e uma **Meta** (Goal) opcional.

The wind	Blew	
O vento	Soprava	
A draught	Stirred	His nightshirt
Uma corrente de ar	Agitou	Seu camisolão
ACTOR/ATOR	PROCESS/PROCESSO	GOAL/META

2. Processos Mentais são aqueles de sensação, exprimindo noções de sentir, pensar e perceber, sendo rotulados em termos mais gerais como processos de Afeição, Cognição e Percepção. Os participantes num processo mental são conhecidos como o **Sensor** (o que sente) (Senser) e o **Fenômeno** (Phenomenon).

he	heard	his mother snore
(ele)	ouviu	sua mãe roncar
he	did not love	his father
(ele)	não amava	seu pai
Charlie Stowe	thought	his father must be ill
Charlie Stowe	achou	que seu pai devia estar doente
SENSER/ SENSOR	PROCESS/ PROCESSO	PHENOMENON/ FENÔMENO

3. Processos Relacionais são os de ser. A idéia central em orações de processo relacional é “que alguma coisa é” (1985:112). Há tipos diferentes de processos relacionais na oração: intensivo, circunstancial e possessivo, cada um podendo ser de dois tipos: atributivo e identificador. Nas orações atributivas os elementos estruturais são o **Portador** (Carrier) e o **Atributo** (Attribute), enquanto que nas orações de identificação, eles são o **Identificado** (Identified) e o **Identificador** (Identifier), cada um mesclado como **Valor** (Value) ou **Token** (Signo).

Charlie	was	frightened
Charlie	estava	amedrontado
he	fell	asleep
(ele)	adormeceu	
CARRIER/ PORTADOR	PROCESS/ PROCESSO	ATTRIBUTE/ ATRIBUTO
His mother	was	the boisterous woman
Sua mãe	era	a mulher impetuosa
IDENTIFIED/ TOKEN IDENTIFICADO/ SIGNO	PROCESS/ PROCESSO	IDENTIFIER/ VALUE IDENTIFICADOR/ VALOR
The boisterous woman	was	his mother
A mulher impetuosa	era	sua mãe
IDENTIFIED/ VALUE IDENTIFICADO/ VALOR	PROCESS/ PROCESSO	IDENTIFIER/ TOKEN IDENTIFICADOR/ SIGNO

Há outros processos além desses:

4. Processos comportamentais são aqueles “de comportamento fisiológico e psicológico como respirar, sonhar, sorrir, tossir” (1985:128). A maioria das orações com processos comportamentais tem um único participante: o que se comporta (Behaver).

Charlie	covered	in the darkness
Charlie	encolheu(-se)	no escuro
His father	stared	round the shop
Seu pai	fitava	toda a loja
The man	nodded	
O homem	assentiu	
BEHAVER	PROCESS/PROCESSO	CIRCUMSTANCE/ CIRCUNSTÂNCIA

5. Processos Verbais são os de ‘dizer’ interpretados num sentido amplo e cobrindo “qualquer espécie de troca simbólica de significado” (1985:129). A entidade que verbaliza é o **Enunciador** (Sayer). Há outros participantes nesses processos: o **Recebedor** (Receiver) ou **Recipiente** (Recipient), a quem a verbalização é dirigida, e a **Verbiagem** (Verbiage), a própria verbalização. Há ainda o **Alvo** (Target), o participante que é o objeto da verbalização.

* Os exemplos que aparecem na teoria são, em sua maior parte, compilados do texto ‘I Spy’. Em alguns casos, entretanto, são adaptados pela autora. Por essa razão não são indicadas as linhas do original.

(Don't you want)	to speak	to your wife?
(Você não quer)	falar	com sua mulher?
	PROCESS/ PROCESSO	RECEIVER/ RECEBEDOR
he	muttered	taunts and encouragements
ele	murmurava	insultos e encorajamentos
SAYER/ ENUNCIADOR	PROCESS/ PROCESSO	VERBIAGE/ VERBIAGEM
Charlie	taunts	himself
Charlie	escarnece	de si próprio
SAYER/ ENUNCIADOR	PROCESS/ PROCESSO	TARGET/ALVO

6. **Processos Existenciais** indicam “que alguma coisa existe ou acontece” (1985:130), o **Existente** (Existent) sendo um fenômeno de qualquer espécie, ou um evento.

There	was	a note unfamiliar to Charlie	in the undecided voice
	havia	um tom estranho a Charlie	na voz indecisa
	PROCESS/ PROCESSO	EXISTENT/ EXISTENTE	CIRCUMSTANCE

Os processos podem ser assim resumidos, de acordo com Halliday (1985:131):

Process Type	Tipo de Processo	Category Meaning	Significado de Categoria	Participants	Participantes
material: action event	material: ação evento	'doing' 'doing' 'happening'	'fazer' 'fazer' 'acontecer'	Actor, Goal	Ator, Meta
behavioural:	comportamental:	'behaving'	'comportar-se'	Behaver	O que se comporta
mental:	mental:	'sensing'	'sentir'	Sensor, Phenomenon	Sensor, Fenômeno
perception affection cognition	percepção afeição cognição	'seeing' 'feeling' 'thinking'	'ver' 'sentir' 'pensar'		
vevebal	verbal	'saying'	'dizer'	Sayer, Target	Enunciador*. Alvo
relational	relacional	'being'	'ser'	Token, Value Carrier,	Signo, Valor Portador,
attribution	atribuição	'attributing'	'atribuir'	Attribute Identifier,	Atributo Identificado, Identificador
identification	identificação	'identifying'	'identificar'	Identifier	Identificador
existential	existencial	'existing'	'existir'	Existent	Existente

Há outros participantes além dos mencionados acima:

1. **Beneficiário (Beneficiary)** - “é aquele para quem ou por quem o processo acontece.” Em processos materiais, ou é **Recipiente** (Recipient) ou **Cliente** (Client), o primeiro sendo “aquele a quem são dadas posses,” e o último “aquele a quem são prestados serviços” (1985:132): *Mr Stowe gave the stranger a cigarette - O Sr. Stowe deu um cigarro ao estranho* (Recipiente); *her large boisterous presence ... filled*

the world for him - sua aparência forte e impetuosa ... enchia-lhe o mundo (Cliente). Em processos verbais “o Beneficiário é aquele a quem se dirige” (Ibid.:133), tal papel sendo conhecido como **Recebedor** (Receiver); *as if a familiar photograph had stepped from the frame to reproach him* (Receiver) *with neglect - como se uma fotografia familiar tivesse descido da moldura para repreendê-lo* (Recebedor) *por omissão; Mr Stowe offered the stranger* (Receiver) *a cigarette - O Sr. Stowe ofereceu um cigarro ao estranho* (Recebedor). Em processos relacionais (atributivos) o papel de Beneficiário é simplesmente referido como **Beneficiário**; *Surprise and awe kept him ... awake - Surpresa e admiração deixaram-no ... acordado.*

2. **Extensão (Range)** - “é o elemento que especifica a distância ou espaço do processo” (1985:134). Em processos materiais “a extensão pode ser uma entidade que existe independentemente do processo mas que indica o domínio sobre o qual o processo ocorre” (Ibid.:134): *A searchlight passed across the sky, lighting the banks of cloud and probing the deep dark spaces between, seeking enemy airships - Um holofote passou pelo céu, iluminando os bancos de nuvens e esquadrinhando os espaços escuros e profundos em volta, procurando aeronaves inimigas* (Extensão). “A Extensão pode não ser uma entidade, mas um outro nome para o processo” (Ibid.:135): *One of the men shook his head - Um dos homens meneou a cabeça*. Em processos mentais a Extensão pode ser interpretada como o Fenômeno no processo do tipo *gostar - (like)*, [em contração ao tipo *agradar - (please)*]: *he did not love his father - não gostava de seu pai*. Em processos verbais “a Extensão é o elemento que expressa a classe, qualidade ou quantidade do que é dito” (Ibid.:137). É conhecido como Verbiagem (Verbiage): *he muttered taunts and encouragements - murmurava insultos e encorajamentos*.

Há uma outra interpretação da transitividade, não ligada à variável de *extensão* (quando um processo se estende, ou não, a alguém ou a alguma coisa, daí a denominação transitivo / intransitivo) e sim a uma variável de *causa*, que é a função *causativa* ou *ergativa*: *A torch flashed - Uma lanterna acendeu; Someone flashed a torch - Alguém acendeu uma lanterna*. Em ambas as orações, *a torch - uma lanterna tem o papel de Meio* (Medium).

Como este trabalho lida mais com processos e participantes, deixaremos de lado as circunstâncias em que ocorrem os processos.

2. CHARLIE COMO PARTICIPANTE NOS PROCESSOS

O conto ‘Espia’ (I Spy) apresenta um personagem principal Charlie Stowe, cujas atitudes são mostradas prin-

* Enunciador, Signo e Meta são termos sugeridos por PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique.

principalmente por meio de orações com verbos transitivos de processos mentais, ou seja verbos que têm como participantes um ser (Sensor - Sensor) que sente e um Fenômeno.

Como o conto descreve um momento particular de tensão na vida do protagonista, é natural que o que se lhe refere seja manifestado, sobretudo, por processos mentais de afeição, percepção ou cognição.

Há também orações com processos materiais, usados na maioria intransitivamente, o que significa que a ação sugerida pelo processo material não apresenta Meta ou extensão a pessoa ou coisa.

É bastante provável que as ações executadas por Charlie - um menino de doze anos á procura de um esconderijo onde possa fumar seu primeiro cigarro - sejam muito poucas, ainda mais que sua mente está cheia de idéias contraditórias. Na tabacaria, descobre, subitamente, um elo de afeição e solidariedade a seu pai, com quem nunca antes se importara. Seu próprio dilema, escondido e amedrontado, com receio de ser descoberto, parece conscientizá-lo sobre a situação difícil de seu pai.

2.1. Orações com processos materiais

(before) he got out of bed. (l. 2)	(antes) de sair da cama. (l. 2)
he moved with caution. (l. 3)	moveu-se com precaução (l. 3)
(he) tiptoed to the window. (l. 3)	andou nas pontas dos pés até a janela. (ls. 3, 4)
he had never smoked a cigarette. (l. 18)	nunca tinha fumado um cigarro. (ls. 18-9)
he crept down the wooden stairs. (l. 37)	se arrastava pelos degraus de madeira abaixo. (ls. 39-40)
he clenched his fingers on the collar of his nightshirt. (ls.38-39)	apertava os dedos na gola do seu camisolão. (ls. 41-2)
he came out quite suddenly into the little shop. (ls. 40-1)	ele apareceu subitamente dentro da lojinha. (ls. 43-4)
he sat in despair on the bottom step. (l. 43)	sentou-se em desespero no degrau debaixo. (l. 46)
if he were caught (ls. 54-5)	se (ele) fosse apanhado (ls. 58-9)
he put a cigarette in his mouth (ls. 56-7)	colocou um cigarro na boca (ls. 60-1)
(as) he moved (l. 63)	(enquanto) se movia (l. 67)
he clutched his nightshirt tightly (ls. 74-5)	(agarrou) agarrando seu camisolão fortemente, (ls. 79-80)
Charlie Stowe tiptoed upstairs (ls. 112-3)	Charlie Stowe subiu a escada na ponta dos pés (ls. 118-9)
(he) got into the bed. (l.113)	foi para a cama. (l. 119)

A maioria das orações com processos materiais não tem Meta, o que significa que os verbos são usados intransitivamente, sendo Charlie o Ator dos processos. As orações que têm Meta, com verbos transitivos, são usadas, ou negativamente: *he had never smoked a cigarette* - (ele) *nunca tinha fumado um cigarro*, ou de um modo frustrante: *He put a cigarette in his mouth (and then remembered that he had no matches)* - *Colocou um cigarro na boca (e então lembrou-*

se de que não tinha fósforos), ou ainda para descrever uma ação de Charlie que simboliza sua ansiedade e medo diante de uma situação difícil: *he clenched his fingers on the collar of his nightshirt - apertava os dedos na gola do seu camisolão; he clutched his nightshirt tightly - agarrando seu camisolão fortemente.*

Uma vez que a maioria das orações são intransitivas, aquelas usadas transitivamente aparecem realçadas como parte da mensagem a ser transmitida. O aperto inicial *dos dedos* de Charlie *na gola do seu camisolão* será confrontado, mais tarde, com *a mão* de seu pai *apertada em seu colarinho.*

2.2. Orações com processos mentais

(until) he heard his mother snore (ls. 1-2)	(até) que ouviu sua mãe roncar (ls. 1-2)
it was possible to see a light burning (ls. 4-5)	era possível ver uma luz ardendo (l. 5)
Charlie Stowe could hear ... the beating of the waves (ls. 10-11)	Charlie Stowe podia ouvir ... o quebrar das ondas (ls. 11-2)
he did not love his father (l. 24)	ele não amava seu pai (ls. 25-6)
That it was a crime to steal... Charlie had no doubt (ls. 22-4)	Que era um crime furtar... Charlie não tinha dúvida (ls. 24-5)
For his mother he felt a passionate... love; (ls. 27-8)	Por sua mãe sentia um amor apaixonado... (ls. 29-30)
he judged her the friend of everyone, (ls. 30-31)	ele a julgava amiga de todos, (ls. 32-3)
Charlie Stowe had no sense of safety (ls. 36-7)	Charlie Stowe não se sentia seguro (ls. 38-9)
he did not dare touch the switch. (l. 42)	não ousou tocar no interruptor (l. 45)
and then remembered that he had no matches. (ls. 57-8)	e então lembrou-se de que não tinha fósforos. (ls. 61-2)
he dared not move. (l. 58)	não ousou mover-se. (l. 62)
he heard footfalls in the street, (ls. 63-4)	ouviu passos na rua, (l. 67)
he heard his father, (l. 68)	ouviu seu pai, (l. 73)
he wondered whether his father would hear his heart beating, (ls. 73-4)	queria saber se seu pai ouviria seu coração batendo (ls. 78-9)
he could see his father (ls. 76-7)	podia ver seu pai (ls. 81-2)
Charlie Stowe thought his father must be ill. (ls. 84-5)	Charlie Stowe achou que seu pai devia estar doente. (ls. 90-1)
Charlie feared discovery, (l. 92)	Charlie Stowe temeu ser descoberto, (l. 99)
He wondered why his father had left the house again so late at night (ls. 113-4)	Queria saber porque seu pai tinha saído de casa novamente tão tarde da noite (ls. 120-21)
He remembered how his father had held tight to his collar and fortified himself with proverbs, (ls. 118-20)	Lembrou-se de como seu pai tinha apertado forte seu colarinho e se fortificado com provérbios, (ls. 125-7)
he thought for the first time that... his father was very like himself, (ls. 120-23)	pensou pela primeira vez que... seu pai era muito parecido com ele (ls. 127-9)
It would have pleased him (Charlie) to go down to his father and tell him that he loved him, (ls. 123-4)	Gostaria de ter ido até seu pai e dizer-lhe que o amava , (ls. 130-31)
he could hear ... the quick steps going away. (ls. 125-6)	ele podia ouvir ... os passos apressados se afastando. (ls. 131-3)

Os processos referentes a Charlie são, em sua maioria, do tipo mental, o que está de acordo com a luta interior que o envolve, na iminência de cometer o crime de furtar alguns cigarros *do suprimento de seu pai* para dar sua primeira baforada, às escondidas.

Como participante, Charlie tem o papel de Sensor - aquele que sente, (Senser), sendo o Fenômeno o complemento do processo que, em alguns casos, é representado por orações inteiras.

2.3. Orações com processos relacionais

he got his courage back (he became courageous) (l. 53)	(ele) recobrou a coragem (ficou corajoso) (l. 57)
He... remembered that he had no matches. (ls. 57-8)	... lembrou-se de que não tinha fósforos. (ls. 61-2)
Charlie Stowe was old enough to feel surprise that anybody was about. (ls. 65-6)	Charlie Stowe tinha idade suficiente para sentir surpresa por alguém estar por perto. (ls. 69-70)
He was alone in the house with his mother, (ls. 126-7)	Estava só na casa com sua mãe (l. 133)
he fell asleep. (l. 127)	adormeceu (caiu no sono) (l. 134)

As orações com processos relacionais que se referem a Charlie são poucas, geralmente ligadas a alguma descrição dele, física ou psicológica. São em geral do tipo de processo **intensivo**, seu papel sendo de Portador, com o Atributo representado por uma qualidade. A divergência ocorre na oração *that he had no matches - que não tinha fósforos*, que é, na realidade, o Fenômeno do processo mental *remembered*. Foi mencionada por ser um exemplo de oração relacional do tipo **possessivo**, em que Charlie [*he - (ele)*] figura como Portador / Possuidor e *matches - fósforos*, como Atributo / Possuído. Observamos, no entanto, que é uma oração de sentido negativo, realçando assim o anti-climax de toda a preparação de Charlie para fumar e depois verificar que não tem fósforos.

2.4. Orações com processos comportamentais

Charlie Stowe waited (l. 1)	Charlie Stowe esperou (l. 1)
Charlie cowered in the darkness. (l. 52)	Charlie encolheu-se na escuridão (ls. 55-6)
The boy held his breath; (ls. 72-3)	O menino prende u a respiração; (ls. 77-8)

2.5. Orações com processos verbais

by telling himself... there was nothing to be done about it, and he might as well have his smoke. (ls. 53-6)	ao dizer para si próprio... não havia nada a ser feito e podia igualmente dar sua baforada. (ls. 57-60)
he muttered taunts and encouragements. (ls. 59-60)	murmurava insultos e encorajamentos. (l. 64)
'May as well be hung for a sheep,' (ls. 61-2)	'Perdido por um,' (ls. 64-5)
'Cowardly, cowardly custard,' (l. 61)	'Covarde, molenga covarde,' (l. 65)
(he) prayed . 'O God, don't let me be caught.' (ls. 75-6)	rezou . 'Ó Deus, não me deixe ser apanhado.' (ls. 80-81)
tell him that he loved him, (l. 124)	dizer-lhe que o amava, (l. 131)

Há poucas orações com processos verbais relacionadas a Charlie, o que de algum modo se contrapõe ao

número razoável das que se referem ao Sr. Stowe, como observaremos mais tarde.

Charlie é o Enunciador (Sayer), e somente em duas orações há Recipientes específicos a receberem a mensagem: *tell himself - dizer a si próprio*, *telling him - dizer-lhe*. Isso é compreensível, primeiro por estar sozinho com seus pensamentos, e depois, por ver-se encurralado numa situação onde não pode falar com ninguém, por medo de ser descoberto.

Na oração *he muttered taunts and encouragements - murmurava insultos e encorajamentos*, as palavras destacadas representam a Verbiagem (Verbiage), ou seja a própria verbalização que aparece Reportada (Reported); nos exemplos seguintes a Verbiagem é Citada (Quoted): *'May as well be hung for a sheep - Perdido por um,'*, *'Cowardly, cowardly custard - Covarde, molenga covarde,'* e *'O God, don't let me caught - Ó Deus, não me deixe ser apanhado.'*

Há algumas orações em que Charlie aparece não como o agente ou 'feitor' (doer) dos processos, mas como um participante que sofre os efeitos deles:

boys at the County School mocked him (Beneficiary - Target) (l. 17)	os meninos da Escola do Condado já troçavam dele (Beneficiário - Alvo) (ls. 17-8)
her large boisterous presence and her noisy charity filled the world for him ; (Beneficiary - Client) (ls. 28-9)	sua aparência forte e impetuosa e sua caridade ruidosa enchiam- lhe o mundo; (Beneficiário - Cliente) (ls. 30-2)
The footsteps of a policeman... made him grab the first packet and dive for the hole. (Medium) (ls. 48-9)	As pisadas de um policial... fizeram-no agarrar o primeiro maço e mergulhar no esconderijo. (Meio) (ls. 51-3)
if he were caught (Goal) (ls. 54-5)	se (ele) fosse apanhado (Meta) (ls. 58-9)
'O God, don't let me be caught' (Goal) (ls. 75-6)	'Ó Deus, não me deixe ser apanhado.' (Meta) (ls. 80-1)
Surprise and awe kept him ... awake. (Beneficiary) (ls. 115-6)	Surpresa e admiração deixaram-no... acordado. (Beneficiário) (ls. 132-3)
... to reproach him with neglect. (Beneficiary - Target) (ls. 117-8)	... para repreendê-lo por omissão. (Beneficiário - Alvo) (ls. 124-5)
It would have pleased him to go down to his father (Senser) (ls. 123-4)	(Ele) Gostaria de ter ido até seu pai (Ter- lhe -ia agrado ir até seu pai) (Sensor) (ls. 130-31)

3. O SR STOWE COMO PARTICIPANTE NOS PROCESSOS

3.1. Orações com processos materiais

Charlie Stowe waited (l. 1)	Charlie Stowe esperou (l. 1)
Charlie cowered in the darkness. (l. 53)	Charlie encolheu-se na escuridão (ls. 55-6)
The boy held his breath; (ls. 72-3)	O menino prende u a respiração (ls. 77-8)

Nas orações com processos materiais, o Sr Stowe participa como o Ator de algum feito que pode ser estendido a uma Meta, no caso de verbos transitivos, ou não, se forem intransitivos. As duas últimas orações representam o Fenômeno de dois processos mentais de Charlie: *wondered - queria saber* e *remembered - lembrou-se*.

3.2. Orações com processos mentais

who (his father) noticed him only spasmodically (ls. 25-6)	que (seu pai) o percebia apenas espasmodicamente (ls. 27-8)
(who) left even punishment to his mother (ls. 26-7)	(que) deixava até mesmo punição a cargo de sua mãe. (ls. 28-9)
'I don't want to wake up the family.' (ls. 69-70)	'Não quero acordar a família' (l. 74)
(he wondered whether) his father would hear his heart beating, (ls. 73-4)	(queria saber se) seu pai ouviria seu coração batendo (ls. 78-9)
he might have been seeing it for the first time. (ls. 93-4)	podia estar olhando-a pela primeira vez. (ls.100-101)
'The wife will sell out, I suppose .' (ls. 95-6)	'A mulher deverá liquidá-lo, suponho .' (ls. 102-103)
'Don't you want to speak to your wife?' (l. 104)	'Não quer falar com sua mulher?' (l. 111)

Os processos mentais relacionados ao Sr Stowe são, na realidade, as observações ou conjecturas de Charlie sobre as atitudes e/ou o comportamento de seu pai. Algumas vezes esses processos pertencem a orações subordinadas que são, de fato, os Fenômenos dos próprios processos mentais de Charlie, como acontece em: *he wondered whether his father would hear his heart beating - queria saber se seu pai ouviria seu coração batendo*. Em *he might have been seeing it for the first time - podia estar olhando-a pela primeira vez*, a oração com processo mental parece ser mais uma observação de Charlie.

Os processos são representados mais por verbos de percepção: *noticed, hear, see*. O Sr Stowe é o Sensor, e o complemento dos verbos, o Fenômeno.

3.3. Orações com processos relacionais

his father was unreal to him, a wraith, pale, thin, indefinite, (ls. 24-5)	seu pai era irreal para ele, um espectro, pálido, magro, indefinido, (ls. 26-7)
his father's affection and dislike were as indefinite as his movements. (ls. 33-4)	a afeição e aversão de seu pai eram tão vagas quanto seus movimentos. (ls. 35-37)
(Charlie Stowe thought) his father must be ill. (ls. 84-5)	(Charlie Stowe achou) que seu pai devia estar doente. (ls. 90-91)
'I'm all ready.' (l. 110)	estou todo pronto. (l. 123)
The thin voice was decided. (ls. 104-5)	A voz fina foi decidida, (ls. 111-2)
he became very cheerful and encouraging. (ls. 108-9)	ele ficou alegre e encorajador. (ls. 115-6)
his father was very like himself, (ls. 121-2)	seu pai era muito parecido com ele, (ls. 128-9)

As orações com processos relacionais referentes ao Sr Stowe são, em geral, parte da observação mental de Charlie sobre seu pai. Em sua maioria são do tipo atributivo, o Sr Stowe sendo o Portador, e o Atributo que segue o verbo, geralmente uma qualidade. A oração *his father was very like himself - seu pai era muito parecido com ele* é do tipo identificativo, *seu pai* sendo o Identificado, e *muito parecido com ele*, o Identificador.

3.4. Orações com processos comportamentais

(he could his father where) he stood , (ls. 76-7)	(podia ver seu pai) de pé, (ls. 81-2)
his father stared round the shop so thoroughly; (ls. 92-3)	seu pai fitava a loja tão inteiramente; (ls. 99-100)
his father tried to laugh . (l. 119)	seu pai tentou rir . (l. 111)

3.5. Orações com processos verbais

he had said he would be in Norwich, (l. 35)	tinha dito que estaria em Norwich, (ls. 37-8)
'If you wouldn't mind being quiet, gentlemen. I don't want to wake up the family.' (ls. 68-9)	'Se não se incomodam de ficar quietos, senhores. Não quero acordar a família.' (ls. 73-4)
'Have a cigarette,' his father said in a voice dry as a biscuit. (ls. 80-81)	'Aceitam um cigarro?' seu pai perguntou numa voz seca como um biscoito. (ls. 86-7)
'Mind if I put a few in my pocket?' Mr. Stowe asked . (ls. 86-7)	Se incomodam se eu puser alguns no meu bolso?' o Sr. Stowe perguntou . (ls. 92-3)
'Well, he said , 'there's nothing to be done about it, and I may as well have my smokes.' (ls. 90-91)	'Bem, disse , 'não há nada a ser feito e posso igualmente dar minhas baforadas.' (ls. 97-8)
'It's a good little business,' he said , for those that like it. The wife will sell out, I suppose. Else the neighbours will be wrecking it. Well, you want to be off. A stich in time. I'll get my coat.' (ls. 94-98)	'É um negócio bom,' disse , 'para os que gostam. A mulher deverá liquidá-lo, suponho. Ou os vizinhos o destruirão. Bem, os senhores querem sair. Mais vale prevenir. Vou pegar meu casaco.' (ls. 101-105)
'You needn't trouble. It's on the peg there. There, I'm all ready.' (ls. 101-2)	'Não precisam se preocupar. Está no gancho ali. Ei-lo, estou todo pronto.' (ls. 108-9)
'Not me. Never do today what you can put off till tomorrow. She'll have her chance later, won't she?' (ls. 105-107)	'Eu não. Nunca faça hoje o que pode deixar para amanhã. Ela terá sua chance mais tarde, não?' (ls. 112-114)
'Don't you worry too much. While there's life...' (ls. 109-10)	'Não se preocupem tanto. Enquanto há vida...' (ls. 116-7)

As orações envolvendo o Sr Stowe são, na maioria, do tipo de processos verbais, mas ele aparece claramente como Enunciador apenas em cinco orações, as outras sendo sua conversação Citada no diálogo. Há somente uma oração em que a verbalização é Reportada: *he had said he would be in Norwich - tinha dito que estaria em Norwich*.

O Sr Stowe tinha sido apresentado ao leitor principalmente por meio das impressões mentais de Charlie sobre ele. Mostrou-se uma pessoa loquaz, cuja verbalização ou Verbiagem não tem referência específica a Alvo ou Recipiente. É como se estivesse falando apenas como efeito do nervosismo causado pela situação. É sobretudo por meio do que ouve seu pai dizer, que Charlie se conscientiza da grande semelhança existente entre ambos.

O Sr Stowe é mostrado como um participante passivo em algumas orações, não sendo o agente dos processos, mas sofrendo seus efeitos:

he didn't love his father , (Phenomenon) (l. 24)	ele não amava seu pai ; (Fenômeno) (ls. 25-6)
'Let him in.' (Goal) (l. 68)	'Deixem-no entrar,' (Meta) (l. 72)
he heard his father , (Phenomenon) (l. 68)	ouviu seu pai , (Fenômeno) (l. 73)
he could see his father (Phenomenon) (ls. 76-7)	podia ver seu pai (Fenômeno) (ls. 81-2)
'Thank you all the same.' (Beneficiary – Target) (ls. 82-3)	'Obrigado, de qualquer modo.' (Beneficiário – Meta) (l.84)
... which frightened him . (Phenomenon) (ls. 122-3)	... que o amedrontavam . (Fenômeno) (l. 130)
to go down to his father (Goal) and tell him (Beneficiary – Target) that he loved him (Phenomenon) (ls. 123-4)	ter ido até seu pai (Meta) e dizer-lhe (Beneficiário – Alvo) que o amava, (Fenômeno) (ls. 130-31)

CONCLUSÃO

Acreditamos que uma conscientização da língua pode promover um melhor conhecimento da literatura. Aplicamos a teoria da transitividade de Halliday ao conto 'I Spy' de

Greene, para realçar os papéis dos participantes Charlie e Sr Stowe, como personagens de ficção.

Ao analisar as orações ao longo do conto, concluímos que as que se referem a Charlie são, em sua maior parte, do tipo de processos mentais, o que é natural, considerando as circunstâncias em que se encontra. Age e fala pouco, mas sente, pensa e observa muito.

As orações relacionadas com o Sr Stowe são mais do tipo de processos verbais; é sobretudo através do discurso de seu pai que Charlie descobre uma proximidade e semelhança consigo, que nunca antes percebera: *seu pai era muito parecido com ele, fazendo coisas na escuridão que o amedrontavam* (ls. 128-130).

Há um confronto do pensamento de Charlie (processo mental) com a verbalização (processo verbal) do Sr Stowe; a semelhança entre os dois é simbolizada nas orações: *se fosse apanhado agora não havia nada a ser feito e podia igualmente dar sua baforada* (ls. 58-60); *‘não há nada a ser feito e posso igualmente dar minhas baforadas’* (ls. 97-98).

A própria ambiguidade do título ‘I Spy’- ‘Espia’ faz o leitor indagar-se se Graham Greene refere-se ao pai e/ou ao filho, sendo isso, com certeza, uma parte da eficácia do conto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GREENE, Graham (1976) ‘I Spy’ In: *Twenty-one Stories*, New York: Pocket Books, p. 197-200.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985) *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HASAN, Ruqaiya (1989) *Linguistics, language, and verbal art*, Oxford: Oxford University Press.
- KENNEDY, Chris (1982) ‘Systemic Grammar and its Use in Literary Analysis’ In: CARTER, Ronald (ed) *Language and Literature: An Introductory Reader in Stylistics*, London: Allen and Unwin. pp.83-99.
- MONTGOMERY, Martin. (1993) ‘Language, Character and Action: A Linguistic Approach to the Analysis of Character in a Hemingway Short Story’ In: SINCLAIR, J. M., HOEY, M. & FOX, G.(eds) *Techniques of Description: Spoken and Written Discourse*, London: Routledge.
- QUIRK, Randolph et al. (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language* London: Longman.

DICIONÁRIOS

- CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha (1990) *Dictionary of Metaphoric Idioms - English Portuguese*, São Paulo, E.P.U.
- COURTNEY, Rosemary (1983) *Dictionary of Phrasal Verbs*, Harlow: Longman.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GOMES, Luiz L. (1979) *Dicionário de Expressões Idiomáticas Americanas*, 5. ed. São Paulo: Pioneira.

LONGMAN *Dictionary of English Idioms* (1979) Harlow and London: Longman.

NOVO MICHAËLIS (1973) Vol. I, 15. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

SERPA, Oswaldo (1982) *Dicionário de Expressões Idiomáticas*, Rio de Janeiro: Fename.

ISPY

Charlie Stowe waited until he heard his mother snore before he got out of bed. Even then he moved with caution and tiptoed to the window. The front of the house was irregular, so that it was possible to see a light burning in his mother room. But now all the windows were dark. A searchlight passed across the sky, lighting the banks of cloud and probing the dark deep spaces between, seeking enemy airships. The wind blew from the sea, and Charlie Stowe could hear behind his mother’s snores the beating of the waves. A draft through the cracks in the window-frame stirred his nightshirt. Charlie Stowe was frightened.

But the thought of the tobacconist’s shop which his father kept down a dozen woden steps drew him on. He was twelve years old, and already boys at the County School mocked him because he had never smoke a cigarette. The packets were piled twelve deep below, Gold Fake and Players, De Reszke, Abdulla, Woodbines, and the little shop lay under a thin haze of stale smoke which would completely disguise his crime. That it was a crime to steal some of his father’s stock Charlie had no doubt, but he did not love his father; his father was unreal to him, a wraith, pale, thin, indefinite, who noticed him only spasmodically and left even punishment to his mother. For his mother he felt a passionate demonstrative love; her large boisterous presence and her noisy charity filled the world for him; from her speech he judged her the friend of everyone, from the rector’s wife to the ‘dear Queen’, except the ‘Huns’, the monsters who lurked in Zeppelins in the clouds. But his father’s affection and dislike were as indefinite as his movements. Tonight he had said he would be in Norwich, and yet you never knew. Charlie Stowe had no sense of safety as he crept down the wooden stairs. When they creaked he clenched his fingers on the collar of his nightshirt.

At the bottom of the stairs he came out quite suddenly into the little shop. It was too dark to see his way, and he did not dare touch the switch. For half a minute he sat in despair on the bottom step with his chin cupped in his hands. Then the regular movement of the searchlight was reflected through an upper window and the boy had time to fix in memory the pile of cigarettes, the counter, and the small hole under it. The footsteps of a policeman on the pavement made him grab the first packet to his hand and dive for the hole. A light shone along the floor and a hand tried the door, then the footsteps passed on, and Charlie cowered in the darkness.

At last he got his courage back by telling himself in his curiously adult way that if he were caught now there was

nothing to be done about it, and he might as well have his smoke. He put a cigarette in his mouth and then remembered that he had no matches. For awhile he dared not move. Three times the searchlight lit the shop, as he muttered taunts and encouragements. 'May as well be hung for sheep,' 'Cowardly, cowardly custard,' grown-up and childish exhortations oddly mixed.

But as he moved he heard footfalls in the street, the sound of several men walking rapidly. Charlie Stowe was old enough to feel surprise that anybody was about. The footsteps came nearer, stopped; a key was turned in the shop door, a voice said: 'Let him in,' and then he heard his father, 'If you wouldn't mind being quiet, gentlemen. I don't want to wake up the family.' There a note unfamiliar to Charlie in the undecided voice. A torch flashed and the electric bulb burst into blue light. The boy held his breath; he wondered whether his father would hear his heart beating, and he clutched his nightshirt tightly and prayed, 'O God, don't let me be caught,' Through a crack in the counter he could see his father where he stood, one hand held to his high stiff collar, between two men in bowler hats and belted mackintoshes. They were strangers.

'Have a cigarette,' his father said in a voice as dry as a biscuit. One of the men shook his head. 'It wouldn't do, not when we are on duty. Thank you all the same.' He spoke gently, but without kindness: Charlie Stowe thought his father must be ill.

'Mind if I put a few in my pocket?' Mr Stowe asked, and when the man nodded he lifted a pile of Gold Flake and Players from a shelf and caressed the packets with the tips of his fingers.

'Well,' he said, 'there's nothing to be done about, and I may as well have my smokes.' For a moment Charlie Stowe feared discovery, his father stared round the shop so thoroughly; he might have been seeing it for the first time. 'It's a good little business,' he said, 'for those that like it. The wife will sell out, I suppose. Else the neighbours'll be wrecking it. Well, you want to be off. A stich in time. I'll get my coat.'

'One of us'll come with you, if you don't mind,' said the stranger gently.

'You needn't trouble. It's on the peg there. There, I'm all ready.'

The other man said in an embarrassed way, 'Don't you want to speak to your wife? The thin voice was decided, 'Not me. Never do today what you can put off till tomorrow. She'll have her chance later, won't she?'

'Yes, yes,' one of the strangers said and he became very cheerful and encouraging. 'Don't you worry too much. While there's life...' and suddenly his father tried to laugh.

When the door had closed Charlie Stowe tiptoed upstairs and got into bed. He wondered why his father had left the house again so late at night and who the strangers were. Surprise and awe kept him for a little while awake. It was as if a familiar photograph had stepped from the frame to reproach him with neglect. He remembered how his father

had held tight to his collar and fortified himself with proverbs, and he thought for the first time that, while his mother was boisterous and kindly, his father was very like himself, doing things in the dark which frightened him. It would have pleased him to go down to his father and tell him that he loved him, but he could hear through the window the quick steps going away. He was alone in the house with his mother, and he fell asleep.

1930

ESPIA

Charlie Stowe esperou até que ouviu sua mãe roncar, antes de sair da cama. Mesmo assim moveu-se com precaução e andou na ponta dos pés até a janela. A frente da casa era irregular de modo que era possível ver uma luz ardendo no quarto de sua mãe. Mas agora todas as janelas estavam escuras. Um holofote passou pelo céu, iluminando os bancos de nuvens e esquadrinhando os espaços escuros e profundos em volta, procurando aeronaves inimigas. O vento soprava do mar e Charlie Stowe podia ouvir atrás dos roncões de sua mãe o quebrar das ondas. Uma corrente de ar através das frestas na moldura da janela agitou seu camisolão. Charlie Stowe estava amedrontado.

Mas o pensamento na tabacaria que seu pai mantinha, uma dúzia de degraus de madeira abaixo, fê-lo continuar. Tinha doze anos, e os meninos da Escola do Condado já troçavam dele porque nunca tinha fumado um cigarro. Os maços estavam dispostos em pilhas de doze lá embaixo, Gold Flakes e Players, De Reske, Abdulla, Woodbines, e a lojinha permanecia sob uma névoa fina de fumaça antiga que disfarçaria completamente o seu crime. Que era um crime furto um pouco do suprimento de seu pai, Charlie não tinha dúvida, mas ele não amava seu pai; seu pai era irreal para ele, um espectro, pálido, magro, indefinido, que o percebia apenas esporadicamente e deixava até mesmo punição a cargo de sua mãe. Por sua mãe sentia um amor apaixonado e efusivo; sua aparência forte e impetuosa e sua caridade ruidosa enchiam-lhe o mundo; por sua conversa ele a julgava amiga de todos, desde a esposa do pároco até a 'querida Rainha', com exceção dos 'Hunos', os monstros que espreitavam em Zeppelins nas nuvens. Mas a afeição e aversão de seu pai eram tão vagas quanto seus movimentos. Essa noite tinha dito que estaria em Norwich, contudo, nunca se sabia. Charlie Stowe não se sentia seguro enquanto se arrastava pelos degraus de madeira abaixo. Quando eles rangiam, apertava os dedos na gola de seu camisolão.

No pé da escada ele apareceu subitamente dentro da lojinha. Era muito escuro para ver seu caminho e não ousou tocar no interruptor. Por meio minuto sentou-se em desespero no degrau de baixo com o queixo entre as mãos. Então o movimento regular do holofote refletiu-se através de uma janela superior e o menino teve tempo de fixar na memória a pilha de cigarros, o balcão e a pequena cavidade sob ele. As pisadas de um policial na calçada fizeram-no agarrar o primeiro maço e precipitar-se para o esconderijo. Uma luz brilhou ao

longo do piso e uma mão experimentou a porta; então as passadas se afastaram e Charlie encolheu-se na escuridão.

Finalmente recobrou a coragem ao dizer para si próprio, com seu jeito curiosamente adulto, que se fosse apanhado agora não havia nada a ser feito e podia igualmente dar sua baforada. Colocou um cigarro na boca e então lembrou-se de que não tinha fósforos. Por um momento não ousou mover-se. Por três vezes o holofote iluminou a loja, enquanto ele murmurava insultos e encorajamentos. ‘Perdido por um,’ ‘Covarde, molenga covarde,’ exortações adultas e pueris estranhamente misturadas.

Mas enquanto se movia ouviu passos na rua, o som de vários homens andando rapidamente. Charlie Stowe tinha idade suficiente para sentir surpresa por alguém estar por perto. As pisadas se aproximaram, pararam; uma chave girou na porta da loja e uma voz disse: ‘Deixem-no entrar,’ e então ouviu seu pai, ‘Se não se incomodam de ficar quietos, senhores. Não quero acordar a família.’ Havia um tom estranho a Charlie na voz indecisa. Uma lanterna acendeu e a lâmpada elétrica irrompeu numa luz azulada. O menino prendeu a respiração; queria saber se seu pai ouviria seu coração batendo e, agarrando seu camisolão fortemente, rezou, ‘Ó Deus, não me deixe ser apanhado.’ Através de uma fenda no balcão podia ver seu pai de pé, uma mão apertada em seu colarinho alto e engomado, entre dois homens com chapéus-coco e capas impermeáveis de cinto. Eram estranhos.

‘Aceitam um cigarro?’ seu pai perguntou numa voz seca como um biscoito. Um dos homens meneou a cabeça. ‘Não dá, quando estamos em serviço. Obrigado de qualquer modo.’ Falou gentilmente mas sem benevolência: Charlie Stowe achou que seu pai devia estar doente.

‘Se incomodam se eu puser alguns no meu bolso?’ o Sr Stowe perguntou, e quando o homem assentiu, ele levantou uma pilha de Gold Flake e Players de uma prateleira e acariciou os maços com as pontas dos dedos.

‘Bem,’ disse, ‘não há a nada a ser feito e posso igualmente dar minhas baforadas.’ Por um momento Charlie Stowe temeu ser descoberto, seu pai fitava a loja tão inteiramente; podia estar olhando-a pela primeira vez. ‘É um negocinho bom,’ disse, ‘para os que gostam. A mulher deverá liquidá-lo, suponho. Ou os vizinhos o destruirão. Bem, os senhores querem sair. Mais vale prevenir. Vou pegar meu casaco.’

‘Um de nós irá com o senhor, se não se importa,’ disse o estranho gentilmente.

‘Não precisa se preocupar. Está no gancho ali. Ei-lo, estou todo pronto.’

O outro homem disse de um modo desajeitado, ‘Não quer falar com sua mulher? A voz fina foi decidida, ‘Eu não. Nunca faça hoje o que pode deixar para amanhã. Ela terá sua chance mais tarde, não?’

‘Sim, sim,’ um dos estranhos disse e ele ficou alegre e encorajador. ‘Não se preocupem tanto. Enquanto há vida ...’ e de repente seu pai tentou rir.

Quando a porta se fechou Charlie Stowe subiu a escada na ponta dos pés e foi para a cama. Queria saber por que seu pai tinha saído de casa novamente tão tarde da noite e quem eram os estranhos. Surpresa e admiração deixaram-no por um pouco acordado. Era como se uma fotografia familiar tivesse descido da moldura para repreendê-lo por omissão. Lembrou-se de como seu pai tinha apertado forte sua gola e se fortificado com provérbios, e pensou pela primeira vez que, enquanto sua mãe era impetuosa e amável, seu pai era muito parecido com ele, fazendo coisas na escuridão que o amedrontavam. Gostaria de ter ido até seu pai e dizer-lhe que o amava, mas ele podia ouvir através da janela os passos apressados se afastando. Estava só na casa com sua mãe e adormeceu.

(Tradução: Germano, M.S.P.)